

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasil Class.: Militares 515  
 Data: 11/12/88 Pg.: \_\_\_\_\_

# Exército disputa com Igreja influência no Rio Negro

190  
Ricardo Lessa

SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA, AM — Durante quase três séculos, o remoto município de São Gabriel da Cachoeira, que ocupa a região conhecida como Cabeça do Cachorro, no extremo noroeste do Amazonas, foi um domínio quase absoluto da Igreja. Primeiro chegaram os carmelitas, depois os franciscanos e, nos últimos 70 anos, foram os salesianos que proveram de educação e assistência médica e espiritual essa extensa área, de 90 mil quilômetros quadrados, o tamanho da Austrália ou de dois estados do Rio de Janeiro.

Esse domínio está, entretanto, com seus dias contados. Há pouco mais de dois anos, o extinto Conselho de Segurança Nacional elegeu São Gabriel como uma espécie de capital de seu ambicioso Projeto Calha Norte, que prevê a ocupação da fronteira do norte da região amazônica. Desde então, o Exército, diretamente, e a prefeitura, administrando as verbas do Calha Norte, vêm disputando, palmo a palmo, a oportunidade de dar assistência à população da área.

Nesse período, os 30 mil habitantes da região, a metade índios que ainda moram em suas aldeias, vem assistindo a uma espetacular mudança em suas vidas. Em São Gabriel, a 850 quilômetros em linha reta de Manaus, mais de 1.000 quilômetros por via fluvial, o único barulho constante que se ouvia era o das corredeiras do Rio Negro; agora, aviões Hercules, quadrimotores, com capacidade para 19 toneladas, fazem até quatro vôos diários, entre São Gabriel e Iauareté, na fronteira com a Colômbia, levando asfalto e cimento para a nova pista de pouso. Aviões Búfalo, bimotores, fazem linha regular entre os diversos postos de fronteira, levando mantimentos, material de construção e índios, que nunca viram tanta facilidade de locomoção: de barco, uma viagem entre São Gabriel e Iauareté, a 246 quilômetros, demora uma semana em média; de avião, 40 minutos.

No campo da assistência material, a Igreja não pode nem sonhar em rivalizar com as novas forças. Nem seria seu papel. Mas mesmo sua atuação no campo da educação começa a ser minada. O internato, construído ao lado da igreja, sobre o penhasco mais alto de São Gabriel, ao lado da cachoeira, começa a ser desativado, por falta de verbas. Há dois anos o governo federal não lhes manda um níquel. E os internos, que



O líder indígena Orlando acha que o Calha Norte chegou para acabar com seu povo

outrora chegaram a mais de 2 mil, foram reduzidos a 300. Hospitais e postos de saúde, espalhados pelos 200 mil quilômetros quadrados que constituem a diocese, estão tendo o mesmo fim melancólico.

Na entrada da cidade, um outro internato, para 720 alunos, está sendo construído a toque de caixa, com verbas de Cz\$ 360 milhões do Projeto Calha Norte. Um novo hospital, de 50 leitos, que custará Cz\$ 380 milhões, começa a ser edificada em Pari-Cachoeira, na fronteira com a Colômbia, na área dos índios tucanos, e outras escolas menores e postos de saúde estão sendo distribuídos nas áreas que, antes, eram missões salesianas.

Em Pari-Cachoeira, o novo hospital, construído com verbas do Calha Norte, está sendo levantado praticamente em frente ao dos salesianos, assim como o de Iauareté. Em Barcelos, a meio caminho entre Manaus e São Gabriel, pelo Rio Negro, o hospital mantido pelos salesianos já foi desativado, em vista da concorrência do novo estabelecimento construído pelo governo.

O bispo de São Gabriel, Dom Walter Azevedo, um paulistano de 48 anos, há 13 trabalhando em missões na Amazônia, não entende porque o governo fez um projeto que ignora todo o trabalho anterior que já estava feito. "Por que não se aproveitou e potencializou o que já existia?", pergunta ele. Dom Walter

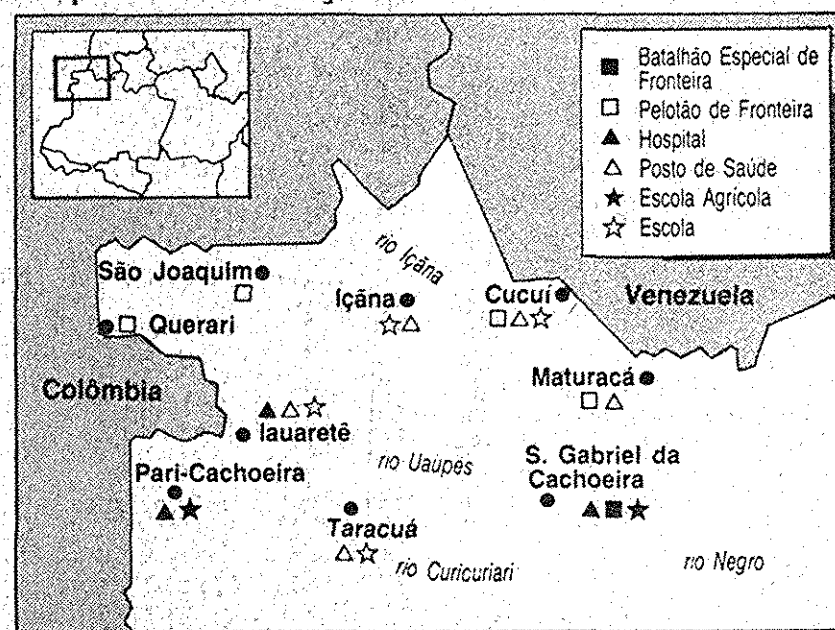
acha que o Calha Norte só pode ter sido feito na "escrivadinha em Brasília", sem levar em conta toda a precariedade da região, que precisa muitas vezes comprar no Sul do país, a 4 mil quilômetros de distância, os mais simples materiais de construção.

A atual coordenação do Projeto Calha Norte, que passou a ser executado pela Secretaria de Assessoramento de Defesa Nacional, novo nome do Conselho de Segurança Nacional, nega que esteja empenhada em qualquer disputa. "Temos uma carta assinada pelos representantes da Igreja, na qual eles dizem que não estão interessados em colaborar com o Projeto Calha Norte", afirma um coronel da secretaria. Ele alega também que alguns dos prédios das missões salesianas já estavam muito velhos e sem condições, portanto, de serem utilizados.

Nessa disputa, por enquanto, os gabrieleiros estão ganhando, com a expansão da rede de serviços à sua disposição. Mas o desprezo pela experiência adquirida já começa a causar prejuízos mesmo às recentes iniciativas do Calha Norte. No porto está à mostra um bom exemplo disso. Os três barcos adaptados como ambulatórios médico-odontológicos, inaugurados em maio com grande pompa pela primeira-dama do país, estão parados em São Gabriel, dois deles sem condições de operar desde julho. Um deles porque bateu numa pedra e outro com problemas de motor.

Fotos de João Farkas

### Disputa na Cabeça do Cachorro



## Madre veio da Itália há 54 anos

No ano de 1934, a madre salesiana Anita deixou sua cidade no frio norte da Itália e se embrenhou, como pedira sua ordem, na floresta equatorial do Rio Negro, com a missão de converter seus habitantes ao cristianismo e à civilização. "Naquela época tinha muita doença, muita fome, muito índio brabo", recorda ela, 54 anos e três enfartes depois. Ao seu redor, duas indiazinhas tucanos de 12 e 13 anos, Gabriela e Graça, recém-chegadas do Rio Curicuriari.

— Levanta a cabeça menina, não, fica com vergonha não, estica as costas — repreende a madre, explicando que as duas índias ainda estavam "meio brabas", porque fugiram muito recentemente da aldeia dos pais. "E não querem voltar não", diz a freira. Nenhuma das duas domina o português, mas madre Anita conta, com orgulho, que já falam "bom dia", "obrigado" e "por favor". Ela informa que, hoje, a

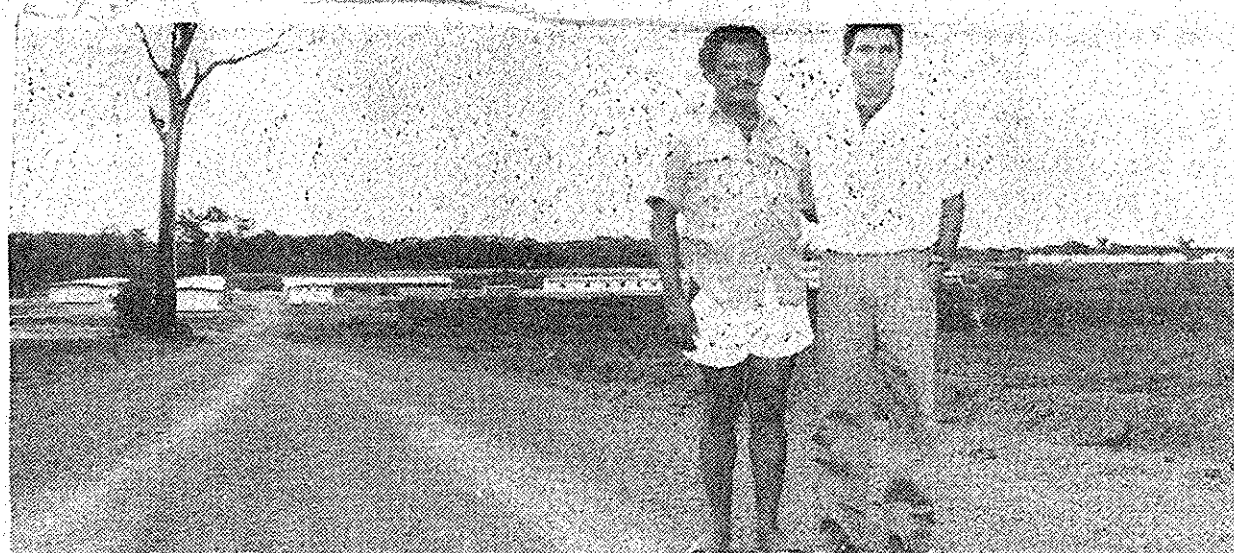
maioria dos professores do Colégio Salesiano é de ex-alunos índios ou descendentes próximos de índios. "É uma obra muito bonita, graças a Deus", diz ela. Madre Anita é uma das muitas missionárias salesianas que passaram sua vida nos afluentes do Rio Negro, dando aulas, fazendo curativos, curando e catequisando índios tucanos, baniuas, barés, macus, ianomamis e outros.

Seu trabalho e o dos outros missionários salesianos foi muito criticado pelos antropólogos, que os acusam de descaracterizar a cultura indígena, subverter seus valores e inspirar-lhes um sentimento de inferioridade. "A gente não chama eles de índios. Eles não gostam. Chamamos de povo da região", explica a freira, justificando, de certo modo a acusação dos antropólogos.

Robin Wright, antropólogo do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi), especializado em estatísticas sobre a população indígena, que trabalhou muitos anos no alto Rio Negro, acha mesmo que não há muita diferença entre o trabalho dos missionários e o da Calha Norte. "Os dois desrespeitam os valores das culturas indígenas", sentencia ele. Numa comparação

mais detalhada entre as duas influências, Robin acaba concordando que os salesianos realmente demonstravam maior preocupação com o futuro dos índios. "Os militares parecem querer apenas reduzir os índios a mão-de-obra", acusa.

Apesar da desconfiança dos antropólogos, são os salesianos que vêm estimulando ultimamente a criação de organizações indígenas independentes da Funai. E, mal ou bem, foram eles que capacitaram os índios a se organizar e se expressar através de seus próprios líderes. Além disso, depois de quase 300 anos de atuação de missionários de diversas ordens, o Alto Rio Negro ainda conta com uma grande população indígena que mora em aldeias e preserva suas tradições. Hoje, com a renovação dos missionários e das próprias concepções de civilização e religião, os salesianos se preocupam em alfabetizar os índios na sua própria língua e preservar ao máximo sua cultura. Um cuidado que não tem sido muito frequente nas iniciativas da Funai. Aliás, a persistir o atual ritmo de obras do Projeto Calha Norte, tanto a freira salesiana, como os índios em seu estado primitivo, são personagens ameaçados de extinção. (R.L.)



Escola agrícola é a maior obra do prefeito Raimundo, com Ribamar, seu sucessor

## Calha Norte divide opiniões e votos

A aceitação ou não do Projeto Calha Norte divide a população de São Gabriel da Cachoeira. Nas últimas eleições para a prefeitura, o PFL situacionista, identificado como partido do Calha Norte, derrotou, por apertados 478 votos, uma coalizão oposicionista liderada pelo PDC. A maior parte dessa diferença veio de Iauareté, um dos povoados de maior atuação do Exército e da FAB, onde estão sendo construídos uma nova pista de pouso, um hospital e uma escola, além de ter facilidade de transporte, proporcionada pelo movimento constante de aviões.

O prefeito Raimundo Quirino, um cearense de 44 anos que foi levado a São Gabriel há 26, pelos salesianos, para ensinar os alunos a tecer redes, não esconde que o Calha Norte teve um papel importante na vitória do PFL. "Nós sempre soubemos trabalhar com todo mundo", explica Quirino, que anda de short e sandálias, e gosta de dirigir o ônibus que a prefeitura ganhou do governo federal.

Ele diz que mantém boas relações com os salesianos e os índios e mostra, com orgulho, as obras de sua administração.

Além das escolas agrícolas, estão sendo construídos nos povoados 58 escolas, quatro postos de saúde, um conjunto habitacional. Na sede, ergue-se um novo prédio para a prefeitura. A cidade não conta, porém, com um metro sequer de esgoto e a água não é tratada. Isso não impediu que ele fizesse seu sucessor, José de Ribamar de Souza, um pernambucano de 34 anos, que era da assessoria da Funai e trabalhou alguns anos na região. Na Câmara de Vereadores, o PFL conquistou seis cadeiras e a oposição, três. Só há três índios entre os nove vereadores.

Entre os índios, a opinião sobre o Calha Norte também se divide. O presidente da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro, Orlando Baré, que estudou com os salesianos e cursou a Faculdade de Filosofia na Bahia, acha que o Calha Norte chegou para acabar com os índios. "Eles trouxeram um progresso

que não perguntaram se as comunidades queriam ou podiam receber", comenta. Já o delegado-regional da Funai, Francisco Alves da Silva, que ocupa interinamente o posto no lugar do índio tucano Pedro Machado, afastado sob acusação de corrupção, acredita que o Calha Norte foi a melhor coisa que aconteceu para os índios. "Eu prefiro estar em qualquer lugar dessa fronteira do que no lugar onde eu nasci, Banguru (subúrbio do Rio de Janeiro)", afirma ele. Francisco acha, como o prefeito Quirino, que, pela primeira vez, os índios que vivem nos extremos da Cabeça do Cachorro foram tirados do isolamento.

Orlando concorda que o Calha Norte integrou de fato uma população que estava abandonada. O que ele reivindica é que as comunidades indígenas possam opinar sobre onde e como alocar esses novos serviços, sem ferir sua cultura e sua tradição. Como índio baré, nascido próximo a Cucuí, quase na fronteira com a Venezuela, ele considera essa luta muito difícil, mas pretende ir em frente. "É o meu povo", justifica, meio entristecido.

Ele acha, contudo, que há interesses escusos, por trás da ação do Exército na região. O Calha Norte, segundo Orlando, está defendendo o interesse de mineradoras que já atuam na região, principalmente a Paranapanema, que detém, junto com a Goldmazon, 17 alvarás de pesquisas minerais dentro ou próximo das áreas indígenas. Ele teme também que os garimpeiros, que praticamente tomaram a área indígena ianomami, em Roraima, estendam sua ação mais para oeste.

A desconfiança do líder indígena não é infundada. Recentemente, foram presos oito garimpeiros na área do Parque Nacional do Pico da Neblina, também habitado pelos índios ianomamis. E no posto indígena de Maturacá, na entrada do parque, tem sido registrada a invasão de outros grupos de garimpeiros, que doam alimentos e oferecem até uma parte do ouro que que extraírem, para explorar a região. Em outras áreas do município de São Gabriel, há pequenos garimpos, alguns até explorados pelos índios, mas que ainda não despertam preocupação. (R.L.)



Dos três barcos-ambulatórios, dois estão avariados